

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire



Moacir Gadotti

Paulo Freire e a formação do professor

Por Luiza Oliva
Fotos Acervo Instituto Paulo Freire

Paulo Freire e Moacir Gadotti conheceram-se pessoalmente em 1974, em Genebra. Paulo Freire trabalhava no Conselho Mundial de Igrejas e Moacir Gadotti fazia doutorado em Ciências da Educação na Universidade de Genebra. Gadotti se recorda que Freire participava frequentemente de seminários e encontros na Universidade, mas não gostava de falar francês. Em março de 1977, Paulo Freire participou da banca examinadora da tese de Gadotti mas falou em português, sendo traduzido por outro membro da banca. "Percebi que Paulo fazia disso um ato político", recorda Gadotti.

A partir dessa época, o relacionamento dos dois educadores não mais se desfez. Diretor do Instituto Paulo Freire, Gadotti fala, nesta entrevista à Direcional Escolas, da contribuição, sempre atual, de Paulo Freire à educação. "A força da obra de Paulo Freire não está só na sua teoria do conhecimento, mas em ter insistido na idéia de que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas", diz. Gadotti é professor titular da Faculdade de Educação, licenciado em Pedagogia e em Filosofia, com mestrado em Filosofia da Educação pela PUC-SP. Entre outros livros, é autor de *Um legado de esperança* (Editora Cortez), *Pedagogia da terra* (Editora Peirópolis), *Perspectivas atuais da educação* (Editora Artmed) e *Pensamento pedagógico brasileiro* (Editora Ática). Acompanhe a seguir as idéias de Moacir Gadotti sobre educação.

DIRECIONAL ESCOLAS – Em maio lembramos os dez anos da morte de Paulo Freire, referência mundial em educação. Dez anos depois, temos praticamente todas as crianças na escola, mas o analfabetismo funcional não caiu. Nesse quadro, qual é a contribuição e o legado de Paulo Freire para os nossos educadores?

MOACIR GADOTTI – Paulo Freire deixou um legado de luta e de esperança. Seus livros nos falam de sonho e de utopia. Ele era um educador voltado para o futuro. Aos educadores ele deixou a utopia como legado e uma teoria do conhecimento que parte da defesa da educação como ato dialógico e respeito ao saber primeiro do aluno. Em seu último livro, *Pedagogia da autonomia*, ele nos indicou um conjunto de saberes necessários à prática educativa, entre eles: ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar a autonomia do ser do educando, ter bom senso, ser humilde, tolerante, ser alegre e esperançoso, estar convicto de que mudar é possível, ser curioso, ser profissionalmente competente, ser generoso, comprometido, ser capaz de intervir no mundo. Ensinar exige liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, exige saber escutar, exige disponibilidade para o diálogo e, finalmente, exige querer bem aos educandos. Paulo Freire é um educador muito importante para a formação dos professores. Mas ele é muito exigente nessa formação.

O senhor acredita que esse professor exigente e essa escola freireana existem na prática? Paulo Freire não estaria colocando um professor ideal numa escola ideal?

Creio que sim. Ele nos apontava para um ideal de educação que devemos perseguir, mesmo que não consigamos alcançá-lo. Paulo Freire me ensinou a valorizar o professor e a escola. Em geral, falamos muito mal da escola. Costumamos reclamar dos nossos professores como se eles fossem os responsáveis por todos os males da humanidade. Mas é na escola que passamos os melhores anos de nossas vidas, quando crianças e jovens. A escola é um lugar bonito, um lugar cheio de vida, seja ela uma escola com todas as condições de trabalho, seja ela uma escola onde falta tudo. Mesmo faltando tudo, nela existe o essencial: gente. Professores e alunos, funcionários, diretores. Todos tentando fazer o que lhes parece melhor. Nem sempre eles têm êxito, mas estão sempre tentando. Por isso, precisamos falar mais e melhor de nossas escolas, de nossa educação, dos nossos professores. A força da obra de Paulo Freire não está só na sua teoria do conhecimento, mas em ter insistido na idéia de que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Ele não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa.

Tanto as escolas públicas quanto particulares reclamam da falta de participação dos pais na rotina escolar dos filhos. Como o senhor avalia a relação escola-famílias?

A escola não pode mudar tudo e nem pode mudar a si mesma sozinha. Ela está intimamente ligada à sociedade que a mantém. Ela é, ao mesmo tempo, fator e produto da sociedade. Como instituição social ela depende da sociedade e para mudar-se depende também da relação que mantém com outras escolas, com as famílias, com os pais dos alunos, estabelecendo alianças com a sociedade, com a população. Quando os pais, mães, ou seus responsáveis, acompanham a vida escolar de seus filhos, aumentam as chances da criança aprender. Os pais precisam também continuar aprendendo. Se qualidade de ensino é aluno aprendendo, é preciso que ele saiba disso: é preciso “combinar” com ele, envolvê-lo como protagonista de qualquer mudança educacional.

O Brasil colocou todas as crianças na escola, mas falta ainda construir uma escola pública de qualidade. Como poderia ser essa qualidade numa sociedade do conhecimento?

Vivemos hoje numa sociedade de redes e de movimentos, uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem, que costumo chamar de “sociedade aprendente”, na qual as conseqüências para a escola, para o professor e para a educação em geral, são enormes. Torna-se fundamental hoje aprender a pensar autonomamente, saber comunicar-se, saber pesquisar, saber fazer, ter raciocínio lógico, aprender a trabalhar colaborativamente, fazer sínteses e elaborações teóricas, saber organizar o próprio trabalho, ter disciplina, ser sujeito da construção do conhecimento, estar aberto a novas aprendizagens, conhecer as fontes de informação, saber articular o conhecimento com a prática e com outros saberes. Numa sociedade do conhecimento qualidade de ensino tem muito mais a ver com esses valores do que com a quantidade de conteúdos aprendidos.

Nessa sociedade o que o professor precisa saber para ensinar?

O professor precisa saber muitas coisas para ensinar. Mas, o mais importante não é o que é preciso saber para ensinar, mas, como devemos ser para ensinar. O essencial é não matar a criança que existe ainda dentro de nós. Ao matar a criação que está dentro de nós estamos também matando nossa capacidade de nos comunicar com o aluno que está à nossa frente. O professor precisa saber que o aluno só aprenderá quando tiver um projeto de vida e sentir prazer no que está aprendendo. O aluno quer saber, mas nem sempre quer aprender o que ensinamos a ele. Ele se revolta. Devemos aprender com a rebeldia do aluno, que é um sinal de sua vitalidade, um sinal de sua inteligência. Ela deve ser canalizada para a criatividade social e não para a violência. Devemos também estar sempre atentos para aprender com nosso aluno.

Nesse contexto, o que é, então, educar? A educação também mudou? O que é permanente, o que é transitório na educação?

Educar é sempre impregnar de sentido a vida. É entender e transformar o mundo e a si mesmo, pelo menos numa perspectiva emancipadora da educação. É compartilhar o mundo: compartilhar mais do que conhecimentos, idéias... compartilhar o coração, compartilhar sonhos. Numa sociedade violenta como a nossa, é preciso educar para o entendimento, para a paz e a sustentabilidade. Educar é também desequilibrar, duvidar, suspeitar, lutar, tomar partido, estar presente no mundo. Educar é posicionar-se, não se omitir. A educação é um lugar onde toda a nossa sociedade se interroga a respeito dela mesma, ela se debate e se busca. Educar é reproduzir ou transformar, repetir servilmente aquilo que foi dito, optar pela segurança do conformismo, pela fidelidade à tradição, ou, ao contrário, fazer frente à ordem estabelecida e correr o risco da aventura; querer que o passado configure todo o futuro ou partir dele para construir outra coisa. Por tudo isso, ser professor é um privilégio. Não podemos imaginar um futuro sem eles.

O que é ser professor hoje na perspectiva freireana?

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores, sem professores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento, mas também formam pessoas.

Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são os verdadeiros "amantes da sabedoria", os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber – não o dado, a informação, o puro conhecimento

– porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

Como o professor pode lutar contra males da escola atual, como a indisciplina, a violência entre alunos e contra professores, o desinteresse e a falta de prazer em aprender?

Não dá para entender essa profissão fora de seu contexto. O poder do professor está tanto na sua capacidade de refletir criticamente sobre a realidade para transformá-la, quanto na possibilidade de formar, na escola, um grupo de companheiros e companheiras para lutar por uma causa comum. Paulo Freire insistia que a escola transformadora era a "escola de companheirismo", por isso sua

pedagogia é uma pedagogia do diálogo, das trocas, do encontro, das redes solidárias. "Companheiro" vem do latim e significa "aquele que partilha o pão". Trata-se, portanto, de uma postura radical ao mesmo tempo crítica e solidária. Às vezes somos apenas críticos e perdemos o afeto dos outros por falta de companheirismo. Não haverá superação das condições atuais do magistério sem um profundo sentimento de companheirismo. Lutando sozinho chegaremos apenas à frustração, ao desânimo, à lamúria. Daí o sentido profundamente ético dessa profissão. O professor, sozinho, não poderá enfrentar os "males da escola atual" indicados na sua pergunta. O trabalho do professor é essencialmente coletivo.

O que tem feito o Instituto Paulo Freire no sentido de continuar o legado de Paulo Freire?

Não basta continuar o legado de Paulo Freire. É preciso reinventá-lo. Em 1991 Paulo sugeriu a criação de um instituto para agregar pessoas e instituições na luta pela pedagogia do oprimido no campo da educação, da cultura e da comunicação. Ele acompanhou de perto a sua formação e desenvolvimento, dando idéias e aceitando participar de projetos, até seu falecimento em 1997. Hoje um grande número de educadores está associado ao Instituto que levou seu nome, tentando dar continuidade e re-inventar o seu legado. O legado de Paulo Freire não pertence a uma pessoa ou a uma instituição.

Pertence a quem precisa dele. Recordo o filme O Carteiro e o poeta, no qual o carteiro se apropriou de um poema de Pablo Neruda para seduzir sua namorada. Pablo questionou o carteiro sobre a autoria do poema e o carteiro respondeu: "A poesia é

de quem precisa dela; não pertence ao poeta que a escreveu". É o que faz o IPF hoje: coloca o pensamento de Paulo Freire em todos os seus projetos, que vão da formação do professor à economia solidária e ao desenvolvimento sustentável, à alfabetização de jovens e de adultos, à assessoria e consultoria na reorientação curricular e na reforma administrativa de escolas e secretarias. O IPF sustenta o último sonho de Paulo Freire que foi o projeto da Escola Cidadã, definida por ele como "a escola de companheirismo, que vive a experiência tensa da democracia". O IPF é hoje uma rede de pessoas e instituições espalhada pelo mundo. Um dos seus trabalhos mais conhecidos refere-se à ecopegagogia, uma pedagogia da Terra, para a construção de um modo de vida sustentável.

"O professor precisa saber que o aluno só aprenderá quando tiver um projeto de vida e sentir prazer no que está aprendendo."



O Instituto Paulo Freire tem defendido o conceito de "qualidade social da educação". O que vocês entendem por isso?

Falar em qualidade da educação é falar em aprendizagem. Há qualidade da educação, isto é, ensino-aprendizagem, quando professores e alunos aprendem. Falar em qualidade social da educação é falar de uma nova qualidade, quando alunos e professores aprendem juntos a mudar o mundo, a partir da sua leitura. O direito à educação não se reduz ao direito de estar matriculado na escola. Insisto, é direito de aprender na escola. Sabemos que é no interior das salas de aula que devemos medir os efeitos de qualquer projeto educacional, de qualquer política educacional, verificando o quanto os alunos aprenderam. Paulo Freire dizia que somos programados para aprender. Aprendemos mesmo enquanto dormimos. Não aprendemos apenas na escola. O cérebro aprende de dentro para fora, como demonstram as neurociências. Por isso, só conhecemos realmente o que construímos e reconstruímos de forma autônoma. E mais: sabemos que estamos aprendendo, que estamos atingindo nossos objetivos, apenas quando avaliamos o que aprendemos. A avaliação é um momento do processo de aprendizagem. Por isso ela precisa ser dialógica. Quando a escola pública era para poucos, ela era boa só para esses poucos. Agora que é de todos, principalmente para os mais pobres, ela deve ser de qualidade sócio-cultural. Isso significa investir nas condições que possibilitam essa nova qualidade que inclui transporte, saúde, alimentação, vestuário, cultura, esporte e lazer. Não basta matricular os pobres na escola (inclusão). É preciso matricular com eles, também, a sua cultura, os seus desejos, a vontade de "ser mais" (Freire). É preciso matricular o projeto de vida desses alunos numa perspectiva ética, estética e ecopedagógica.

Se somos seres programados para aprender, por que, então, nossa qualidade da educação está tão ruim?

Não somos seres determinados, mas, como seres inconclusos, inacabados e incompletos, somos seres condicionados. O que aprendemos depende das condições de aprendizagem. Somos programados para aprender, mas o que aprendemos depende do tipo de comunidade de aprendizagem a que pertencemos. A primeira comunidade de aprendizagem a que pertencemos é a família, o grupo social da infância. Daí a importância desse condicionante no desenvolvimento futuro da criança. A escola, como segunda comunidade de aprendizagem da criança, precisa levar em conta a comunidade não-escolar dos aprendentes. E mais: todos precisamos de tempo para aprender, na escola, na família, na cidade.

Como deve ser efetivada a formação continuada do professor dentro dessa sua visão freireana?

Para melhorar a qualidade da escola, principalmente da escola pública, é preciso investir na formação continuada do professor que implica, pelo menos, ter quatro horas semanais de estudo com os colegas, acesso à literatura da sua área, possibilidade de frequentar cursos de formação, "em serviço", como sustenta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A formação continuada implica ainda a possibilidade do professor refletir sobre sua prática, escrever sobre sua prática, divulgar esses escritos e apresentá-los em congressos e conferências. A educação continuada não se reduz a meros treinamentos eventuais. É fundamental reafirmar a dignidade e a "boniteza" (Paulo Freire)

dessa profissão, diante da desistência, da lamúria, do desânimo e do mal-estar docente provocado pela exaustão emocional, pela baixa auto-estima e pelo pouco reconhecimento social dessa profissão. Ao lado do direito do aluno aprender na escola, está o direito do professor dispor de condições de ensino e do direito de continuar estudando.

O Ministério da Educação está anunciando um "Plano de Desenvolvimento Educacional". O senhor acredita que ele está no caminho certo?

Não se trata ainda de um "plano" no sentido pelo deste termo. Trata-se de um conjunto de propostas e programas que, a meu ver, estão na direção certa. A sociedade tem apoiado as primeiras idéias do plano expostas pelo Ministro Fernando Haddad. Vamos ter que acompanhar o seu desdobramento. É preciso enfrentar, no Brasil, o abandono escolar que gira em torno de 20%. A reprovação causa uma defasagem idade-série em torno de 40%. Esse "fracasso escolar" custa mais caro ao país do que qualquer inovação educacional. O Brasil está investindo hoje em cadeias o que deixou de investir, no passado, na escola pública. Não basta investir na educação e no trabalho. É preciso investir na cidadania, na democracia como modo de vida social, na formação para e pela cidadania, para o exercício da cidadania desde a infância. A população tem o direito de saber quais são os seus direitos e deveres. Precisamos de uma população bem informada. A informação é o primeiro de todos os direitos humanos, pois, sem ela, as pessoas não têm acesso a outros direitos. Daí a importância da educação cidadã, formal e não-formal, dentro e fora das escolas. ■

Contatos com Moacir Gadotti: gadotti@paulofreire.org e www.paulofreire.org

"Não haverá superação das condições atuais do magistério sem um profundo sentimento de companheirismo."

